

Teoria da Solidão

ARMANDO MARQUES

in memorium, Armando Marques

um agradecimento sincero ao meu caro e gentil amigo, Pedro B. Rocha

*Toda a opinião esconde uma incerteza,
toda a afirmação esconde uma dúvida.*

*Todo o grito esconde uma vulnerabilidade,
toda a raiva esconde um medo.*

*Toda a face esconde um carácter,
todo o Eu esconde um Ele.*

Prólogo

Existem montanhas com caminhos sinuosos até onde os picos encontram as nuvens e aqueles que querem subir aos céus aventuram-se por entre precipícios, desafiam os abismos.

A vida por vezes é cruel.

As cavernas são escuras e frias, profundezas de mistérios galerias secretas e belezas indescritíveis, mas naquelas passagem geladas um corpo pode ficar preso na escuridão para a eternidade.

A vida por vezes não tem piedade.

As florestas são densas, sombrias e sufocantes, com nascentes e cascatas de água fresca. O perigo espreita a cada passo em caminhos traiçoeiros que nos levam a lugar nenhum.

A vida por vezes é uma ilusão.

Índice

I.....	7
II.....	8
III.....	9
IV.....	10
V.....	11
VI.....	12
VII.....	13
VIII.....	14
IX.....	15
X.....	16
XI.....	17
XII.....	18
XII.....	19
XIII.....	20
XIV.....	21
XV.....	22
XVI.....	23
XVII.....	24
XVIII.....	25
XIX.....	26
XX.....	27

I

A felicidade é impossível na solidão, porque esta última é a ausência de tudo, de tudo o que representa a vida.

A solidão é a supremacia do silêncio perante a vida, o que são assuntos mundanos comparados com a vastidão do vazio, com a morte ou o fim.

Haverá algo mais relevante que a passagem do mundo dos vivos para a irrelevância do esquecimento?

Alguém perguntou a um qualquer astro o quanto sozinho este se sente? Quantas lágrimas de tristeza largou na vastidão gelada e negra do universo?

O silêncio, o vazio, o nada, que gravita à volta dos maiores dos astros, e eu e tu, também mergulhamos nessa escuridão.

Pode a minha solidão ser comparável à de um astro errante no universo?

E por mais absurda que seja a comparação qual é outro destino da humanidade do que se desfazer em pó?

E pode existir prova mais concreta da destruição do que a existência?

Pode alguma coisa existir no universo para além da eternidade, quando este caminha lentamente para a sua destruição?

Qual o sentido da humanidade se a vida é apenas um estágio, o que pode interessar esta corrida mesquinha para a sobrevivência se é apenas isso, uma ilusão, a vida na solidão.

II

Fomos abandonados por Deus, somos o que resta.

Somos a sua criação, uma memória.

A realidade não existe, apenas resta o sofrimento e a dor.

Fomos abandonados por Deus, somos o testamento de algo maior.

Mas agora, estamos ao abandono, perdemos a luz e vivemos na escuridão, na vertigem do eclipse.

Somos a criação de Deus.

Somos a criação de Deus, nascemos do seu desígnio, do seu trabalho, das suas lágrimas, do seu sangue.

A sua presença iluminou o nosso mundo, germinou a semente da humanidade, mas agora vivemos o crepúsculo.

Vislumbramos as sombras, somos órfãos, somos crianças abandonadas que temem as trevas.

Que temem que a luz desapareça e que as suas vozes interiores se extingam para sempre.

Porque depois da luz vem a escuridão, o terror, a aflição, os gritos.

Depois de um início, mais tarde ou mais cedo o fim.

À medida que a luz se expande ela também se extingue e o que vemos não são nada mais do que imagens do passado.

Fugimos do silêncio, fugimos devagar, porque não existe nada mais assustador que a ausência de tudo, a ausência de nós mesmos, não existe nada mais assustador que um minúsculo ponto negro que consome tudo a sua volta, que absorve toda a realidade.

III

O infinito não existe, é uma invenção, tal como os corpos neutros ou o zero, mentira criada por comodidade, para fortalecer um ideal de eternidade ou imensurabilidade.

O infinito não existe, porque nada é eterno, nenhuma realidade subsiste indefinidamente no universo, pois este mesmo verá o seu fim.

Mas nada disto é novo, nada disto é absurdo, porque a ideia de fim ou da morte, está presente no consciente ou inconsciente de todos os que se olham para si mesmo.

Existe sempre uma ideia de continuidade, existe sempre a esperança do dia seguinte, a possibilidade da redenção e a constatação da ideia de um fim absoluto é traumática, impossível, uma vertigem que faz tremer o corpo.

E nada existe e tudo deixa de existir, e nada existe, e tudo existe e no fim temos o silêncio e tudo o que existe, tem como fim o silêncio.

E nada existe e tudo deixa de existir e no final apenas existe o silêncio.

E tudo o que existe é destinado ao silêncio, ao esquecimento.

E esta vida não é mais nenhuma, e este sofrimento será outro, e estas palavras serão esquecidas mas esse sofrimento será recordado.

E nada existe e tudo deixa de existir.

IV

Todos os dias são iguais, a mesma solidão o mesmo desespero e a apreensão que todos os outros serão assim.

Não sei o que me fez perder o amor pela vida, pela existência, pelo dia seguinte.

Talvez, não um evento em particular, mas um conjunto de fatalidades ou simplesmente o destino.

O passar dos dias, as mesmas situações, o mesmo desenlace, a mesma frustração, resignação e tristeza.

O mesmos dias obscuros, febris, noites desoladas, de silêncio e infortúnio.

Deixei de acreditar, deixei de querer, deixei de ser eu.

Sou um velho no corpo de um jovem, que apenas pede o fim dos seus dias, de tudo isto.

Alguém alheado do mundo, esquecido por todos, esquecido dele mesmo.

Nada faz sentido, não existe sentido em fazer coisa alguma.

A minha sorte é a infelicidade, a minha vida é a solidão, sentir a dor, o desespero e o desalento.

Os meus dias são passados a destruir aquilo que não construí, derrotar os sonhos e a fugir de mim mesmo.

Dias de sol trazem a memória dos dias de inverno, gelados, vis e austeros.

A minha vida é a tristeza, o entorpecimento do corpo e da razão, a minha vida e o tédio, o arrependimento.

Este mundo tomou conta de mim.

V

Qual é o significado de tudo isto?

Qual é o significado de tudo isto, se tudo vai desaparecer?

Eu vou desaparecer, tu vais desaparecer, tudo se desfaz em chamas, cinzas e pó. Todos desaparecem.

E que interessa os certos e os errados? A dor e a tristeza, ou sim ou os não?

O que interessa o amanhã do último dia?

O que interessa se deixo de existir, que interessa se deixas de existir e se as nossas recordações se perdem no vácuo.

Que interessa a tristeza, que interessa a dor, a força ou as fraquezas, que interessa as montanhas ou os lagos.

Ninguém se vai recordar das montanhas, as montanhas não se vão recordar de nós.

A vida no limite é uma sala de espera para a eternidade, ou para o nada.

Tudo tem um fim, eu tenho um fim, tu tens um fim, tudo nasce e tudo morre.

O universo terá o seu fim, Deus terá o seu fim porque não haverá ninguém para recordar o seu nome.

A minha vida, o que resta dela, é uma ampulheta que se esvazia a cada hora, a cada segundo.

Num instante encontro a imortalidade e parto, noutra instante assisto ao fim, ao silêncio absoluto.

VI

Qual o significado da vida, para que crescer e enfrentar as trevas?

Porquê existe luz se estamos destinados a mergulhar na escuridão?

Se o mundo, no seu âmago e o caos, porque o nascimento e tudo aquilo que nos separa do fim?

A minha vida é uma inutilidade, a minha vida é toda ela uma inutilidade, uma experiência breve e fútil.

A vida é uma grande inutilidade, se eu pensar no meu percurso de vida que ganho com isto tudo? Liberdade?

Qual é o significado da vida? Que será de mim quando morrer? Que sobrar de mim?

Nada, apenas o silêncio, não existira mais nada do que o silêncio.

Apenas isto e tudo, o silêncio.

E o que sobra de mim, o que resta de mim, que vai ficar de mim?

Qual no final é a maior verdade?

Quando eu morrer ninguém vai se lembrar do meu nome.

Quando eu morrer o meu mundo morre também e quando o meu mundo morre eu morro com ele, e com ele morrem todas as pessoas.

Quando eu partir o mundo vai acabar, todas as vozes ficam em silêncio, tudo fica em escuridão.

Quando eu morrer ninguém vai querer saber de mim.

Quando eu morrer todo o sofrimento acaba, toda a fome toda a miséria.

Quando eu morrer não existira mais nada neste mundo.

VII

A morte é o início da eternidade, a descida ao mar das trevas e o mergulho no silêncio, é o primeiro passo no caminho que vence o infinito.

Porque nada existe e tudo deixa de existir, a pulsão que se expande até aos confins do universo, criação dos deuses, também é a mesma que destrói tudo, o manto invisível que se estender por entre o universo.

Recolhe a luz e deixa um mar escuro, longo e uniforme, um ponto que é tudo e que não é nada, que é infinito, que também deixa de existir.

A tensão, a harmónica principal, o batimento cardíaco dos deuses, que depois de vibrante e forte, adormece e se extingue.

Qual o propósito da vida se tudo tem um fim, quando tudo se desfaz em pó e o pó se desfaz em nada, e o nada desaparece no infinito.

Qual e o propósito da vida, quando o próprio infinito vê o seu fim, a vibração que comanda o universo, torna-se irregular e mais ténue até que se parte, e então tudo termina.

A expansão transforma-se numa compressão.

Tudo se une no sentido de um ponto, a origem, um remoinho de força recolhe o universo sobre a sua origem e tudo aquilo que existe deixa de existir. Todos os extremos, todos os opostos são unidos num só, todos unidos num só elemento, o elemento original, o tudo, o nada.

E depois tudo se repete, e depois tal como um batimento do coração tudo volta ao início.

VIII

Existe outro propósito na vida, no seu sentido espiritual, que não aceitar que a vida tem um fim, que todos os dias são uma reminiscência dessa realidade.

A vida é correr contra o tempo, quanto mais vivemos mais nos acomodamos à vida, e quanto mais nos aproximamos da morte.

Qualquer realidade ou fantasia tem um fim, qualquer realidade ou fantasia tem um final indeterminadamente do seu propósito e nada tem um propósito claro.

Aqueles que são cegos, somos todos cegos, os vivos que olham para o reino daqueles que não vivem.

Hoje somos uns, amanhã somos outros, e trocamos de lugar mais uma vez.

Hoje escutamos as memórias daqueles, as vozes daqueles que foram, tão distintas e claras como se fossem as nossas, e amanhã serão as nossas aquelas que ficam e permanecem.

Ate ao dia em que não restam mais vozes, apenas o silêncio, o silêncio que assombra a humanidade.

IX

Esperei um dia pela felicidade, um dia em que me sentiria feliz e contente com o mundo.

Um dia em que faria paz com a minha vida e o destino, um dia em que não me sentiria infeliz, sozinho ou desesperado como todos os outros dias.

Existem alguns que guardam a tristeza e existem outros que fazem o oposto, guardam a alegria.

Mas quando tudo é retirado do sentir não existe mais nada, apenas o vazio.

Toda as lágrimas, todas as expectativas, todos os sonhos desfeitos, um dia transformam-se num dilúvio e arrastam tudo no seu caminho.

Existe quem vive no futuro, na perspectivas de boas novas ou dos medos que podem vir.

Existe também quem viva no passado, na memória de tempos felizes ou em dolorosas recordações de dor e sofrimento.

Existem muitas poucas pessoas que conseguem viver no presente e o presente são aqueles poucos segundos, ou menos, em que não se pensa nem no passado nem no futuro, ou numa mistura dos dois.

Ninguém consegue viver no presente, isso implica construir tudo do nada, pensar e fazer tudo de novo, e essa, é uma tarefa dolorosa e extremamente ingrata.

A vida independentemente das expectativas é algo breve e sofrível, é a possibilidade de experimentar o presente e reconhecer o instante, o clarão de luz, tudo o resto é a ruminação do passado.

X

Aonde está a minha felicidade?

Em que dia da minha vida é que perdi o amor pelos dias, por mim?

Em que dia da minha vida é que perdi paixão pela vida, em que tudo ficou negro.

Qual foi a hora em que perdi a magia da vida e o Sol desceu do céu e a noite se tornou absoluta.

Quando em criança é que perdi a esperança pela vida, que dia como adulto é que perdi o amor por mim mesmo.

Porque hoje estou perdido, sem rumo nem destino.

Como é trágico este desespero, estes dias em que apenas vejo o fim, em que me visto de luto antes do tempo, porque nada faz sentido, e nunca coisa alguma vez sentido da minha vida.

Estes dias são de uma triste e pesada agonia, estes dias são cheios de raiva e frustração, uma dor tão intensa que nem a sinto.

São dias que passam sem saber que estou vivo, como se estivesse numa prisão ou no local mais remoto da terra.

O mundo não existe, tudo é uma alucinação, o mundo não existe, este é um sonho que não tem fim e a morte e o acordar para um novo mundo.

O mundo não existe, porque o amanhã não é mais do que uma hipótese.

E tudo o que me resta são os sonhos de ontem e a desolação de hoje.

Porque o amor ou a paixão são apenas outros nomes para a ignorância da nossa existência e as minhas recordações são invariavelmente más, todas elas são mágoas e desespero, o desespero é algo que contagia, e o mal é algo que se transmite.

XI

Hoje eu sou esse desespero, esse mal, essa coisa ruim e apodrecida que espalha negrume pela terra.

Tudo é temporário, tudo é gratuito, tudo é rápido e instantâneo.

Não existe mal que viva para sempre e tudo obedece ao julgamento de Deus.

O Senhor é sempre muito cruel com aqueles que se desviam do caminho da virtude.

Eu deixei a palavra de Deus e vendi a minha alma ao Diabo, e agora sou um homem que apenas espera pelo seu fim.

Sou um homem que escreve as suas mágoas e que outra coisa não tem para escrever, que vive mais no passado do que no presente, para quem o futuro simplesmente não existe.

O único futuro que existe é a sua ausência, o futuro é o julgamento, é a derrota, é a fome e a miséria.

Alguém que vive sem amar a vida, alguém que vive sem odiar a vida, terá a possibilidade de encontrar a felicidade, mas quem vive alheado da vida apenas encontra a desolação.

Apenas quero ter a esperança que o céu existe, o paraíso existe, que existe um lugar de conforto em que possa descansar deste mundo, ou de outros.

Acreditar que existe um lugar de paz, de luz e de compreensão.

Apenas queria afastar as partes mais sombrias da minha existência, dos meus conflitos, dos meus erros, e poder cultivar em paz o meu futuro.

Mas qualquer passo em frente é um passo no abismo, que me faz sentir cada vez mais perdido, sem rumo, sem destino. Parece que os problemas renascem, para tudo voltar ao mesmo.

XII

Porque não me deixas terminar uma história, porque não me deixas terminar um pensamento, pintar um quadro.

Porque tenho de ser teu escravo, porque me tratas como um filho bastardo?

Em tempos quis estar contigo, numa união de dois espíritos desavindos, e depois comecei a odiar-te, pouco a pouco perdi a esperança e fiz de ti o meu maior inimigo.

A tua vingança foi uma ira gelada, aterradora, ensinas-te-me o verdadeiro significado da palavra mágoa, e o meu ser caiu no abismo mais profundo, o meu ser tornou-se no abismo.

E hoje partilho contigo um leito revolto, pelas insónias e dores do passado e um coração destruído, a minha vida e rodeada de desespero os meus dias mergulhados na escuridão.

És o único caminho, és a minha única e verdadeira paixão, mas tratas-me como um escravo, filho da má sorte.

Nenhum homem sobrevive sem alma, todo o homem precisa de um espírito companheiro, hoje estou caminho só.

Talvez exista vida para além das montanhas geladas, voz para além do mundo do silêncio.

Talvez exista alguma coisa para além do nada, pensamentos para além da última luz.

Exista uma força que derrube o derrotismo fatalista de quem vê para além deste mundo e nada mais do que isso, uma força que suplante o desânimo de todas as derrotas.

Esperança que nos leve para além desta terra.

XII

Eram homens que encaravam as trevas de frente, não tinham medo, não tinham receio.

Não temiam o desconhecido, mergulhavam na escuridão.

Mergulhavam no mar, numa noite escura sem luar.

A vida não é importante, na ânsia, no silêncio, no instante fatal.

A vida não é relevante quando estamos na sombra, numa noite de inverno, sem luz nem fogo e somos um animal entre os demais, na floresta.

Eram homens que encaravam as trevas de frente, não tinham medo, não tinham receio.

Por vezes eles mesmos eram trevas, andavam de mãos dadas com a morte e destruição, perderam-se pelos trilhos da selva, passaram para o outro lado, eram filhos do Diabo, esquecidos da palavra de Deus.

Foram contaminados pelo excesso, pelo optimismo que todo o bem se sobrepõem a todo o mal, e deixaram-se, deixaram-se levar pela ilusão.

Movidos pela conquista da vitória, da morte o império do nada.

Não fraquejavam, não temiam a dor, e nunca se deixaram levar por alguma ideia tola de paz ou felicidade.

Sabiam aquilo que os esperava e aquilo que os esperava sabia que eles vinham, juntos no caminho do abismo.

Eram homens que encaravam as trevas de frente, não tinham medo, não tinham receio.

XIII

E no final só me resta o silêncio, a única coisa que me resta é esperar, e do mundo não espero mais outra coisa que o último dia, a libertação.

A minha vida é simplesmente esperar pelo próximo dia, a vida simplesmente é esperar, pelo próximo dia, quer este venha ou não.

A vida é um compasso de espera, em que todas as descobertas são inúteis, a vida é uma pausa, uma distração, perante a revelação de uma realidade maior.

A vida é o alheamento sobre o espírito, sobre o seu fim, a terminação da existência.

Qualquer revelação será inconsequente, a não ser que esteja associada com a ideia de um fim, da fatalidade do espírito.

Nada existe que não possa deixar de existir, e a destruição é um passo essencial à existência.

A existência é toda ela um processo complexo de destruição.

XIV

Como será o meu futuro, como será o dia de amanhã?

Como será o futuro da humanidade, o resultado desta encruzilhada?

E qual o resultado disto tudo?

Qual o significado disto tudo?

No final o resultado é a destruição de tudo e do nada.

Qual é o significado da existência?

A experiência da vida tem algum significado?

Se a vida é um instante qual é o significado desse instante?

Qual é o significado de um instante, quando o instante deixa de existir?

Qual é o significado da existência quando esta se torna em silêncio.

Qual é o significado do silêncio quando se torna em realidade?

Em que se torna a realidade quando se aproxima do fim,

o que interessa a realidade quando tudo deixa de fazer sentido.

XV

Era um homem que olhava para um relógio, no silêncio de uma sala vazia.

Sentado numa cadeira olhava para um relógio e mergulhado numa estranha meditação media o movimento dos ponteiros.

Numa sala vazia, despida e envelhecida, via e ouvia o passar do tempo, todos os dias, todas as horas, todos os segundos.

Um homem que vivia aterrorizado pelo passar do tempo, um homem que para cada movimento, observava uma ideia de fim. O último instante de uma experiência que não podia ser repetida, um mundo que depois do movimento de um ponteiro era diferente, diferente daquele que tinha acabado de presenciar.

Aquele simples mecanismo dos ponteiros, marcava a diferença entre o presente e o passado, aquele movimento mecânico comandava o mundo, e mesmo esse não era eterno, e mesmo que não fosse eterno, ninguém o iria confirmar.

Por uma eternidade ele viu o passar dos ponteiros do relógio, um ano podia ser um segundo, um segundo podia ser anos.

Ele sabia que o tempo não existia, era o pulsar, o batimento cardíaco do universo, que ele procurava escutar.

Qualquer corpo vivo tem de enfrentar a morte, o seu coração algum dia terá de parar e o do universo também.

Vivia obcecado com a passagem do tempo, com aquele movimento dos ponteiros que envelhece o corpo e nos entrega as trevas, cada movimento era um testemunho, um aviso sobre a decadência do homem, do mundo de tudo.

XVI

E tudo o que me resta da vida, que sonhei ter, desapareceu e agora não existe nada, a minha vida é a sala de espera para a minha morte e não consigo fazer nada para contradizer esse pensamento.

Tornei-me no cadáver da minha felicidade, e agora, estou condenado ao sofrimento para eternidade.

Porque fazer alguma coisa quando o fim é iminente, a única coisa que resta é esperar.

Posso tentar procurar a felicidade, mas não sei o que é isso, conheço apenas a solidão, o isolamento e a tristeza.

Vejo-me assim mais uma vez, excluído e rejeitado pela vida, pelo destino, por todos, pela sorte.

A minha vida, de forma alguma, não quer nada a haver com amor, conforto ou carinho.

Que posso eu fazer para retomar a minha vida e não voltar a cair neste buraco, se cair no abismo é o padrão da minha vida, que posso buscar ou construir na minha vida para que me sinta melhor.

Como posso ter a vida plena que sempre sonhei, que hoje parece mais distante do que em qualquer dos meus sonhos.

A minha vida é correr atrás da felicidade, como perseguindo a minha sombra, ela está sempre no dia seguinte, só mais um passo e depois, novamente o abismo, cair no vazio.

XVII

E nada se resolve e nada se remedia, e o mundo gira mas o mal é o mesmo.

A viagem acaba e o ponto de chegada é o ponto de partida.

Nada fica bem, nada se arranja, nada melhora, nada se cura, tudo morre.

Tudo envelhece, tudo fica pior, nada se resolve, nada se perdoa.

Os pecados estão cá todos na terra e são cada vez mais.

E nada se resolve, e nada se remedia, tudo é o mesmo e tudo fica pior.

Tudo deixa de existir, mas o ódio é eterno.

Qual a razão, a forma, a razão de existência, qual é o sentido da vida.

Qual o sentido da existência?

Qual o significado da vida, porque a existência não é mais do que um sopro.

Qual é a razão da existência quando o tempo passa e mais eu me aproximo do fim, o tempo passa e cada vez mais a humanidade está condenada ao esquecimento.

Algum dia será o ultimo, algum dia será o antes do ultimo.

Existe vida para além das montanhas geladas,

existe vida para além do mundo de silêncio,

existe alguma coisa para além do nada.

existem pensamentos depois da ultima luz,

existe alma para além do ultimo suspiro.

XVIII

Qual é o objectivo da vida?

Qual é o objectivo do silêncio?

Qual é o objectivo de tudo isto?

Qual é o propósito? Qual é o destino?

Qual é a força que cria e destrói?

Qual é o significado das coisas mais belas?

Qual é o significado de todos os horrores?

Que importa mais um dia, se é apenas mais um dia?

Que importa mais uma palavra se no final temos o silêncio?

Somos todos humanos, somos todos bichos, animais,

coisas que correm, e se reproduzem,

ladram e mordem.

Que nascem e morrem.

Qual é o significado da vida?

Qual é o significado do sentido?

Qual é o significado da vida?

Qual é o significado da minha vida?

Sufrimento e desespero, é esse o futuro da humanidade?

XIX

O Sol do meio dia é o mais desolador.

O Sol do meio dia é o mais desmotivante que o Sol posto.

O Sol do meio dia é Sol que é de ninguém, é o Sol que deixa de crescer para começar a minguar.

O Sol do meio dia é de todos o mais desanimador, anuncia numa balada surda o início do fim.

Se nos raios da madrugada vem a esperança, os sonhos a possibilidade do infinito, o Sol que anuncia a tarde expõe a volatilidade dos pensamentos, das crenças, do amor,

porque numa jornada não pode caber todo um mundo.

Sonhos serão sempre sonhos.

O Sol do meio dia anuncia o meio da vida.

XX

Espero os cavalos da madrugada,
nesta noite amaldiçoada.

Cavaleiros em trote alinhado,
caminho já traçado.

Noite profunda, horas malvadas,
todas as sortes estão contadas.

Procuram almas que se perderam,
homens que desobedeceram.

Todas as almas têm um destino,
um fim, um lugar confino.

Colhidas por uma mão invisível,
tomadas pela luz inextinguível.

Um velho homem na piedade
de quem esperou uma eternidade.

E todo o saber de séculos sem fim,
nas brumas se perde assim.

FIM

